DP 666
.C7

Hollinger Corp.
pH 8.5

DP 666
.C7
Copy 1

SIM

Resposta aos que nos perguntam se queremos continuar a ser

PORTUGUESES

OPUSCULO ANTE-IBERICO

POR

LUCIANO CORDEIRO

LISBOA
TYP. RUA DA VINHA, 53
1866

SIM

RESPOSTA AOS QUE NOS PERGUNTAM SE QUEREMOS CONTINUAR A SER PORTUGUESES

OPUSCULO ANTI—IBERICO

POR

LUCIANO CORDEIRO

2510

LISBOA
TYP. RUA DA VINHA, 53
1865

Manuel Caetano Salgado

IP666
.C7

Ex. J. 22 May 12

IMPRENSA PERIODICA PORTUGUESA

Atalaya dos brios e glorias nacionaes, sentinella das liberdades publicas e dos fóros populares.

O. D. G.

O Author.

OPUSCULO ANTI-IBERICO

To be or not to be, that is the question.
(Shakspeare)

Combateremos por ti, pelos teus foros, pelas reminiscencias da tua gloria, pelos vistigios do sangue de nossos avós esparzido no Oriente, por tudo quanto é santo e querido para uma nação. POR ORA AINDA SOMOS TEU FILHO.

Alexandre Herculano.

I

Ressoava patriotico vosear por toda esta boa terra portugueza,—repercutia-se na imprensa, na praça, no lar domestico as expansões enthusiasticas do sentimento nacional,—resurgia este como o Lasaro, envolto na mortalha secular do olvido e da descrença publica, mas firme e robusto ahi a cada canto em pomposos cartases, em brilhantes artigos, em ener-

gicos pamphelelos e discursos, que erão outras tantas manifestações expontaneas de patriotismo ardente, puro e honrado;—as musas dançavam, dança macabra e vertiginosa em redor das campas enegrecidas e mutiladas de nossos avós, e o dia 1 DE DEZEMBRO, alvorecendo no meio d'esta agitação estrondosa, parecia parar nos visos do horisonte, pasmado da multidão de saudações e flores que lhe cahiam em cima.

Sorria-se o bom do velho, rememorando n'estas alegrias as que nos mesmos valles e montes,—tão seus,—lhe havia mn'outros tempos festejado a apparição.

Dous seculos erão já passados!

Havia então ali um povo libertado que no meio dos jubilos do triumpho, lhe narrava as agruras e penares da escravidão, mostrando-lhe os pulsos arroxeados ainda pelas cadeas da dominação estrangeira.

Havia agora ali um povo livre que abraçado á sua historia honrada e gloriosa, lhe apontava com o sorriso do anniversario feliz nos labios, as feridas mal cicatrisadas, ganhas em longo batalhar pela independencia nacional.

Lagrimas por entre risos!

Lagrimas de liberto sahido do esgastulo immundo, ao contemplar o definhado do rosto, a lividez das faces, o encovado e pisado dos olhos nas aguas christalinas do arroio.

Sorrisos de exilado que se extasia no fitar do sol da patria, ou de muribundo que sente lufadas de vida a refrigerarem-lhe as entranhas requeimadas pela febre ou de condemnado que uma onda da sorte arroja do patibulo para os braços da mae, da esposa, dos filhinhos ou de naufrago perdido na immencidade das aguas e a quem subito acena do horisonte a aza d'uma gaivota, a espuma d'uma vaga que é uma vella, um navio... a luz, a vida, o mundo.

Foramos tambem, ao nosso pequenino vergel, —pobre de magnificencias,—rico de crenças e amores, colher umas florinhas humildes para saudar com ellas o sol dos homens de 1 DE DEZEMBRO.

Mas pouco alto guindaram as mesquinhas, que fraco braço as cultivara, colhera e arrojara.

Bem perto foram cahir no fundo d'uma secrétaria povoada de muitas outras,—que lá dormião o somno do olvido.

Mais tarde,—ha alguns dias apenas fomos

dar com ellas ali, e lembrámo-nos de lhes conceder algumas rasteas da luz da publicidade, que era uma crueldade, segundo nos disia um amigo, asphixiar assim as pobresinhas no fundo d'uma gaveta.

Limpámos o ramalhete patriotico dos espinhos que poderião ferir alguem, mettemos-lhe algumas novas florinhas, tiramos-lhe as que definhadas e seccas, poderiam desfaser-se em e mãos menos delicadas, e elle ahi vae impelido pelos ventos que começam de soprar novamente do lado de Hespanha,—a boiar na corrente da bibliographia de *momento*, sem outras pretenções que não sejam as de exprimir os sentimentos que são brazões de quem o colheu e formou.

Duas palavras mais. Essas linhas que seguem não constituem um libello politico.

Não é um grito de guerra que nos acode aos labios,—é um grito d'alarme apenas.

Oxalá que elle fosse echoar em todos os corações portugueses.

Não nos colligamos com os insultadores politicos, nem abrimos tenda de patriotismo *fanfarrão:*

Quem na falta d'outro queira fornecer-se

deste, procure que hade ahi encontrar quem lh'o venda por preço commodo e d'optima qualidade.

Nós não.

II

Eis o que escreviamos em 1862.—«Ninguem nos diga;

«Vindes tarde».

«Nunca é tardio o preito aos grandes principios, nunca é extemporaneo o protesto contra as falsas doutrinas.—Se a arena se converteu por moméntos em ruidoso arrayal, nem porisso está fechado o torneio.

Ha questões que parecem findas só porque os contendedores,—uns se deixaram embrie-

gar pelo emthusiasmo d'uma victoria ficticia, outros adormeceram de cansaço e desalento apoz uma derrota momentanea.

A questão porem ficou de pé;—os principios contrarios não cahem assim adormecidos ou embriegados como os seus soldados.

Podem estes esfalfarem os pulmões com brados de victoria, podem dar largas ao emthusiasmo,—podem tambem, perdida a placidez, cançados de esgrimir contra um adversario louco ou dextro,— cahirem estonteados na arena ou depôr as armas de cavalleiros para se converterem em raivosos guerreadores de pedra e lama, que nem porisso está finda a contenda, nem a victoria ganha, nem a derrota certa.

A questão iberica, a questão secular tantas veses ventilada na imprensa e no campo da batalha, tantas veses por nós esquecida e pelos hespanhoes lembrada, resolveu-a, destruio-a esse enthusiasmo nacional, essa indignação tão justa quanto louvavel que se tradusia em verrinas e protestos de patriotismo?

Ficou para sempre anniquillado esse velho projecto d'absorpção só por que em 1861 a nação portuguesa. villanmente ultrajada em

seus brios pensou em responder aos desalmados ibericos d'então, festejando enthusiasticamente o anniversario da sua separação de Hespanha?

Não.

Se oscillou no pedestal de sangue e de traições não faltaram mãos que o amparassem, não faltam ainda sacerdotes que lhe sacrifiquem nem rudes cavalleiros que se arvorem em seus furiosos deffensores. Não cahiu. »

—Isto escreviamos nós em janeiro de 1862 e encarregou-se o tempo de nos provar que não erraramos em nossas previsões.

Tocão de novo a reunir nos arrayaes ibericos.

Agrupão-se as companhias, estendem-se os atiradores e começa o tiroteio.

É propicia a occasião.

A arena ahi está pois aberta.

Descendo a ella bem sabemos que não vamos decidir a contenda, ou levar a victoria a uma das causas. Não vamos qual *inginioso fidalgo* de escudo sobraçado, e lança em riste levar a confusão e a derrota ás filleiras do ibirismo.

São menos elevadas e mais pacificas as nossas intenções.

Não nos creou Deus para bellicosas façanhas.—Não nos premitte a nossa humildade evangelica e pacifico genio que ousemos hombrear com esses portentosos cavalleiros que por esse mundo andaram degolando infieis e zurzindo villões.

III

Para nós,—conscenciosamente o disemos—o iberismo nem é uma idea nova nem uma opinião individual.

Não é d'hoje, é de hontem, é de ha muito, nasceu com a nacionalidade portuguesa, com ella cresceu e por mais d'uma vez tem ameaçado destruil-a.

Não é um projecto de quatro ou seis imaginações exaltadas, não é uma seita politica de dez ou vinte fanaticos.

Actualmente o ibirismo hispanico é o que foi sempre.

Os seus sacerdotes é que teem mudado de trages e de linguagem. Se outr'ora escondiam o rosto contrahido pela colera sob a viseira de cavalleiro, e nos atiravão entre cutiladas o apodo tantas veses glorioso de rebeldes,—hoje trocando a viseira pela mascara traidora e fugindo do campo da batalha para se empoleirarem nas fofas poltronas de humanitarios cosmopolitas, tomarão para thema da sua eloquencia pindarica,—a humanidade que despresam, afraternidade dos povos que não compreendem, o progresso de que elles são os mais temiveis inimigos.

Foram um dia guerreiros, n'outros converterão-se em espiões e algoses, hoje são inspirados apostolos.

Por mais uma vez os tem acomettido o desalento e a raiva.

Por mais d'uma vez teem abandonado a obra cimentada pelo sangue e suor de seus paes, para rojarem no pó com a raiva feroz da desesperança.

Quantas veses ás bajulações servis não teem succedido as affrontas villans?

Quantas veses o ruido das ladainhas humanitarias não se teem convertido no silencio do cançasso e do desalento, ou no praguejar da *arraya miuda*?

Mas tudo isto è momentaneo.

Hontem eram os direitos imaginarios dos reis castelhanos ao throno de Affonso Henriques, erão os juramentos falsos e as falsas promessas illudindo os povos, e o ouro comprando a honra, a lealdade e o patriotismo dos grandes; — hoje é a geographia, a ethnographia, é a historia, é a civilisação para quem appellam os honrados ibericos.

Emfim, nesta propaganda altamente criminosa porque prega a morte d'uma nacionalidade amiga e visinha,—nimiamente infame, porque é um laço armado á boa fé e ao patriotismo de homens leaes,—nada se tem poupado para angariar proselytos, tudo se tem feito para sustentar a doutrina,

Approveitam todos as occasiões, especulam com todas as bandeiras, proclamam todos os principios, mercadejam com a popularidade de todos os nomes sympathicos, com as desgraças politicas dos povos ou dos partidos.

Sirvam de prova os tempos que correm.

IV

Fallámos do nucleo do exercito iberico.

Vão com elles os transfugas de todos campos, os pobres sonhadores politicos de todas as eras, os enthusiastas e fanaticos de todos as idéas retrogradas de poderio e conquista.

Premittão-nos duas palavras ácerca destes grupos diversos, — destes estranhos soldados:

Uns,—espiritos mediocres, intelligencias timidas, corações descrentes e combalidos só veem na fusão iberica uma cousa muita util,

muito necessaria para as duas nações peninsulares, e que mais cedo ou mais tarde por vontade propria ou violencia estranha tem de realisar-se.

Outros,—patriotas ardentes, tristes sonhadores politicos, enthusiastas duplamente perigosos pela hypocrisia com que occultam as suas ambições, e pelo ardor com que abraçam as idéas retrogadas de conquista e poderio, para elles a fusão iberica seria a regeneração politica de Hespanha, o *arredondamento*—permittão-nos a expressão que não é nossa,—do seu imperio continental com um territorio que lhe julgam adjudicado pela geographia e pela historia.

Entre o decahir e o volver aos tempos de Carlos V,—não ha para elles meio de rehabilitação possivel.

Aquelles, intelligencias nimiamente timidas creem e veem um mal incuravel, um cancro, um abysmo no que é apenas a consequencia necessaria, o castigo merecido da indifferença pelas cousas públicas, da descrença nos principios e nos homens,—da incuria, venalidade ou ignorancia dos governos.

Veem só o mal e exageram-no.

Recuam, espavoridos ante a perspectiva medonha d'um futuro imaginario, atterra-os a comparação da nossa grandesa passada, com a nossa pequenez actual, do patriotismo de nosos avós, com a nossa vergonhosa indifferença e vão esconder o rosto contrahido pelo terror, nas felpas do leão castelhano!

Espiritos mediocres cahem em extasis mystico, ante as promessas deslumbrantes, os programmas pomposos do ibirismo.

Sonham já com o quinto imperio do nosso Vieira. Se desviam os olhos de seu envernisado idolo creem ver tremolar sobre as cabeças a bandeira vermelha do reino Unido—ou esvoaçar sobre a terra da patria a aguia imperial de Napoleão.

Intelligencias timidas, espiritos mediocres, corações descrentes nas cousas da patria, não hesitam em sacrificar tudo quanto é santo e querido para um patriota honrado a essa ideia que os allucina, a esse futuro imaginario, impossivel, que os deslumbra.

Estes são os cegos, estes são os fracos, estes são os ibericos portuguezes. —Vergonha é dizer que os ha. Mas ha, ninguem o duvide.

Um grupo ha ainda, que com repugnancia, vamos apontar aqui.

E' o grupo dos Cains, dos villões de farda agaloada, — dos especuladores politicos, dos vendilhões de sentimentos, de doutrinas, de opiniões, dos que negoceam com a propria consciencia, dos que andam continuamente revolvendo os lodaçaes da politica, em procura de titulos nobiliarios, dos pingues empregos, de *velarios e lantejoulas, das condecorações com que o poder costuma marcar os seus rebanhos de consciencias vendidas*(1)

Este é o grupo dos grandes miseraveis (2)

Dêstes tivemol-os em 1581.

Teve-os e tem-os a Hespanha.

---

1 Alexandre Herculano,

2 Ib

V

N'este largo tracto de terra que habitamos com os hespanhoes, ha *pelo menos* duas nacionalidades perfeitamente distinctas.

Se houvera dous estados e uma só nçaão, dizia ha tempos um periodico hespanhol ,*os estados facilmente se juntariam.*

Mas não . São dois os povos, são duas as nações em que está dividido este terretorio peninsular.

Fundidos os povos ou por vontade d'ambos, ou por violencia d'um sobre o outro, ou ain-

da por violencia estranha, — um deixava de existir politicamente.

E não nos digam que deixavam de existir politicamente ambos para dar logar a um outro distincto dos dous. Se elles se equilibrassem em população em territorio, em riquesa, em importancia politica, em muitas outras circumstancias da vida dos povos, não nos admirava que nos apontassem um tal resultado.

Não o admitiriamos então como possivel, somente porque os dous povos eram duas nacionalidades e as nacionaildades não se fundem.

Algemão-se, absorvem-se, destroem-se e ainda assim é trabalho longo e penoso.

Mas uma fusão d'estas, em que um entra apenas com quarta ou quinta parte da população e territorio do outro, não é a fusão de dous povos, é a fusão d'um no outro, é a dominação deste sobre aquelle, é a absorpção.

E é o que seria a União iberica.

Notem alem disso que não mettemos em linha de conta as velhas ambições e tendencias e tentativas dos nossos vesinhos.

Ahi temos a Irlanda fundida na Inglaterra a Hungria na Austria, a Polonia no imperio do Czar.

São factos dos nossos dias. São exemplos edificantes.

E' a historia que falla.

E a historia não pára aqui.

Falla-nos tambem d'uma epocha que não vae muito longe ainda. Falla-nos dos 60 annos de *União iberica* sob os Fellipes.

Um só monarcha presidia aos destinos d'ambos os povos. O mesmo sceptro regia ambos, e a mão que o empunhava jurara manter, illesos, os foros e direitos de cada um e pugnar pelos interesses dos dois.

Não era isto pura e simplesmente a *União iberica* como ella é possivel sob a forma monarchica?

Cremos que sim.

Mais ainda. Fellipe I. não entrara em Portugal como conquistador que vem manietar ao seu carro de guerra a independeucia d'um povo,—entrara como herdeiro que o *cosnelho de familia*, os governadores do reino, aquellos famosos traidores villões, traidores por dinheiro,—vendilhões da patria,—chamavam a receber a herança que fora venda villissima.

O prior de Crato era talvez menes um patriota que um ambicioso.

O facto, é que a *União iberica* dos sessenta annos deixou-nos bem amargas recordações.

Mas os ibericos não são homens que deixem assim passar o argumento sem lhe pôr embargos á circulação.

E' moeda cerceada, dizem elles.

Outros tempos, outros costumes.

No tempo dos Fellipes os destinos das nações andavam adjudicados á ignorancia ou crueldade dos soberanos.

Fellipe de Hespanha proclamado rei de Portugal costumou-se a considerar este como uma provincia mais do imperio hespanhol.

Rodeavam-no maus ministros e pessimos conselheiros.

Nem sempre porem os conselheiros são maus, os ministros pessimos, e os monarchas imbecis, parciaes ou crueis, mas se podem sel-o, se não quereis a forma monarchica *fillipica* a presidir á *União* escolheremos outra (os ibericos são cosmopolitas nas ideas e nos partidos) escolheremos a forma monarchica representativo ou a republicana ou emfim outra qualquer que melhor vos agrade.

Espantosa condescendencia!

Fellipe era hespanhol e porisso fasia pen-

der a balança dos vexames e atrocidades para o lado de Portugal,—um monarcha portuguez —no systema absolutista, faria o inverso—em ambos os casos haveriam,—opprimido e oppressor. Seria por conseguinte necessario ir buscar um monarcha a longes terras onde o sangue portuguez e hespanhol não tivessem chegado.

Era a empresa longa e a investigação dificil.—Nem no Thibet ou na Patagonia o encontrariamos talvez.

Por lá andámos tambem. Prescendia-se porem disto logo que o rei reinasse somente, e os representantes dos dois povos peninsulares n'um parlamento mixto presidissem aos destinos d'ambos.

Estranho parlamento este!

Ridicula miniatura da torre de Babel!

Que ganhavamos com isso?

Lá haveriam ainda opprimidos e oppressores.

A differença era que não haveria um tyrano. Haveriam muitos.

Pois não predominava ainda o elemento hespanhol?

Não seria muitissimo menor o numero dos

representantes portuguezes? Não tem a Hespanha maior terretorio e maior população e por conseguinte não enviaria ao extravagante congresso maior numero de deputados?

E que o não mandasse, e que não tivesse lá dentro a maioria, não a teria cá fora? não teria sempre a superioridade numerica e terretorial e militar?

Pois esta superioridade, esta oppressão fatal d'uma maioria espantosa, este predominio infalivel do elemento hespanhol, não val o mesmo que a dominação extrangeira?

Dir-nos-ha alguem que desta forma condemnamos o systema das maiorias. Não ha tal.

Podiamos fasel-o, que nem disso viria desar á nossa opinião sobre o iberismo, nem mal algum á causa que defendemos.

Mas não o fasémos, nem o fisemos.

Condemnamos sim a oppressão extrangeira,—ou se o querem a dominação extrangeira,—sob qualquer forma e com qualquer fim

Mau remedio contra as prodigalidades d'um emancipado é vir-lhe o irmão roubar casa e patrimonio, arrujando-lhes apenas um bocado de pão da mesa dos seus banquetes.

Pessimo meio de proteger um povo contra as

ambições de extranhos, é vir-lhe um estranho tambem lançar as algemas.

Nem os meios desculpam os fins, nem os fins são bons quando os meios são máos.

Palacio de marmore com alicerces de lodo, n'enhum architeto o poderá construir.

Ou sob a forma monarchica ou sob a forma representativa a *união iberica* era sempre a absorpção do povo portuguez pelo hespanhol, a dominação deste sob aquelle.

Nem fallemos na forma republicana.

Escusado é ir mais longe.

Seguindo passo a passo os ibericos em suas extravagantes e contraditorias doutrinas corre-se o risco de cahir com elles, no... ridiculo.

VI

A *União Iberica* despida dos *poeticos* enfeites com que os histriões politicos lhe querem occultar o natural hediondez, é esta.

Um dos dous povos pemsulares deixava de existir politicamente.

Era Portugal.

A Hespanha subsistia, ganhava algumas provincias mais,—*arredondava* perdoem-nos mais uma vez a phrase,—arredondava, o seu terretorio continental, robustecia a sua influencia

politica, trocaria por outro o seu velho nome, o que não era facil nem provavel, mas o que não deixaria de ser uma mudança insignificante só para illudir incautos e mediocres.

Tambem a Inglaterra absorvendo a Escossia e a Irlanda se ficou appellidando o *Reino Unido* e ninguem ignora a posição da primeira em relação ás segundas.

Alli estamos outra vez a contas com a questão frivola de palavras e de formas.

Anda ella sempre a lume nos escriptos e programmas do iberismo.

União, fusão, confederação iberica, são palavras, formas seductoras, trages attrahentes com que pretendem occultar-nos a essencia das cousas.

No passarmos a ser dominio de Hespanha é que ella está em toda a sua nudez.

Europeis de histrião não occultam deformidades e ascorosidades de monstro.

Quasimodo tambem tinha os seus dias de festa, tambem trajava gallas e desprendia sorrisos, mas era sempre o sineiro monstruoso da Nobre Dame de Paris.

A verdade é assim. Em politica tambem ha Quasimodos como ha Messalinas.

O iberismo é uma e outra cousa.

Fundidos na Hespanha deixavamos de ter um nome no mappa das nações a par da França, da Inglaterra ou da Italia para figurarmos humildemente na lista das provincias hespanholas, ao lado da Gallisa ou da Biscaia.

Não seria deshonra mas sempre era descer e nós queremos subir. Seria até recuar e nós queremos avançar.

E depois fallemos, desassombradamente devemos tambem meter em linha de conta as ambições de nossos vesinhos.

A Hespanha estende-nos de ha muito os braços, menos como irmã amiga que quer comnosco repartir as suas riquesas e fortunas, do que como fasendeiro americano para o escravo fugido de suas herdades e fora do alcance do asorrague senhorial, ou se achão dura a phrase, como ciosa madrasta,—mãe, é que não,—que nos viu fugir da sua auctoridade um pouco pesada na verdade, para vivermos vida honrada a custo do nosso trabalho.

Pois não attestam aquellas ambições as luctas que ensanguentaram o berço da monarchia, portuguesa, as guerras sangrentas e duradouras, os tramas e traições que teem enodado

muitas paginas da historia dos dous povos pensulares?

Não o attesta essa historia em cada uma das suas paginas,—podiamos diser, em cada um dos seus periodos?

Ainda ha pouco nos disia alguem: «A fusão iberica isto é a absorpção da nacionalidade portuguesa pela hespanhola era mais que uma ambição realisada, era uma vingança satisfeita. As nações teem tambem os seus odios como os individuos, e quando aquelles teem, não diremos a sua rasão mas a sua origem na historia, deficil é obditeral-os em quanto ao lado da offensa a historia não memorar a vingança.»

Não vamos tanto alem. E perdem com isso os ibericos que não nos podem sahir á estrada com as suas predicas ensossas de fraternidade, de esquecimentos das passadas injurias, de acabamentos de odios brutaes.

Não lhes acreditamos,—já o dicemos,—na sinceridade do apostolado. Não pelo que elles nos ensinam, mas pelo que sintimos e pensamos reprovamos odios arreigados, entre os individuos, como entre as nações,—applaudimos franca, leal e enthusiasticamente o esquecimento das passadas injurias, e a fraternidade uni-

versal. Não chegamos ainda ao completo triumpho destas santas doutrinas, e muito sangue hade correr antes que lá cheguemos. Mas não descremos tão cedo do progresso, para que as julguemos utupias.

Livres e irmãos, mas livres sempre notem bem—queremos que sejam todos os povos da terra.

O que porem não queremos, o que não aconselhamos a nenhum povo é o esquecimento da sua historia, a abdicação da sua independencia do seu futuro porque não aconselharemos aos filhos que renegue o nome honrado de seu pae, porque não aconselharemos, a ninguem o suicidio, que outra cousa não é para um povo a abdicação da sua vida nacional; e não ha aqui somente o suicidio do corpo, ha o suicidio da dignidade, o suicidio da honra.

E fallam no progresso. estes vendilhões do ibirismo·

Pois o progresso que pede em nome do direito e da justiça eterna a independencia da Polonia e da Hungria, que foram e devem ser nações podia applaudir a fusão monstruosa de povos que são nações tambem e que porisso devem viver independentes?

O progresso! Não profanem a palavra sagrada, não enlameem o dogma politico da humanidade.

Hypocritas! Cegos!

O Progresso!

O progresso dos que se arrabatam ante a perspectiva d'uma nação poderosa e grande, enviando os seus exercitos e armadas a impor a lei aos povos menos poderosos do que ella!

O progresso dos que fazem bitola da prosperidade d'uma nação,—o seu maior poder militar e as suas empresas belicosas!

O progresso dos que só creem respeitavel e respeitado um povo quando é temivel e temido pelos povos menos poderosos, embora mais moral e materialmente felises que elle!

O progresso dos *sacerdotes da bombarda, da lança e da espada*, (para nos servirmos de uma expressiva phrase de A. Herculano) para quem só ha uma gloria possivel, a triste gloria dos combates e conquistas!

E' verdade,» como diz o mesmo illustre escriptor—« é verdade que não sabem em que «deva consistir a gloria d'uma nação porque «nunca pensarão nisso. Para elles que vivem «no seculo XIX, onde quer que pereceram mi-

«lhares d'homens, combatendo por interesses «que não compreendiam, ou por torpe cubiça, «onde quer que oferro e fogo arrasarão as ci- «dades, despovoarão os campos, embora des- «sas cidades e campos nenhum mal tivesse «vindo aos seus destruidores, ha uma gloria «sem mancha, immensa, immarcessivel. Her- «deiros pequeninos e pacificos dos gigantes da «assolação, dos Tarmerlans, dos Atilas, e dos «Gegiskham avaliam pela estimati va daquelles «illustres selvagens, as façanhas de seus illus- «tres avos.»

Este é o progresso dos que veem na idea da fusão o quinto imperiro de Vieira.

VII

O que vae ler-se agora pertencia ao tal ramalhete patriotico de que fallámos no primeiro capitulo.

Tinha elle destas flores (perdoem-nos a vaidade... do termo) que mais parecião colhidas em charneca de urses e abrolhos do que em vergel onde a alma fatigada das cruesas e miserias da vida se vae a repoisar nos braços da poesia entre nuvens de aromas e coros de alegres cantares.

Nem já sabemos dizer como essas linhas que seguem nos sahiram dos bicos da penna.

Foi um desabafo?

Talvez.

Havia tanto fel cá dentro que transbordou.

Não tivemos a culpa.

Desbafo é a reproducção de taes linhas aqui; hoje que a questão iberica tem assumido nova phase, se é que não tem tomado nova direcção.

Ahi vae·

Esta questão iberica é uma questão grave, importante e digna de seria attenção.

Assim o fossem todos os seus contendedores. *Uma parte* delles porém em logar de se elevarem á altura da questão parece ter-se encarregado de desafiar contra ella a hilaridade, o despreso, e o que é peor a indifferença publica.

Uma vez empavesados cavalleiros, outra garotos repugnantes, sempre hypocritas quer combatam quer bajulem ou injuriem, estes miseraveis são a prova mais energica, mais terminante mais decesiva da falsidade e iniquidade da causa que deffendem, ou da idea que a caloradamente advogam.

Isto não é uma verrina descabellada.

Descabelladas verrinas são as que contra os homens desta nação, teem ahi escripto *muitos* desses que se disem sacerdotes do iberismo.

Incensarão-nos, rojarão-nos aos pés, procurarão alcançar pela adulação torpe o que seus maiores não poderão conseguir com as armas, mas corridos e repellidos em suas expansões mentirosas, converterão-se em insultadores deste povo, que d'antes era para elles, um povo amigo e irmão.

Effectivamente uma parte da imprensa hespanhola parece ter-se encarregado de substituir certos escrivinhadores britannicos em o nobre encargo de calumniar e injuriar a nação portuguesa.

Premitta-se-nos uma pequena digressão.

Ha annos, qualquer *quidam* do Reino Unido que tivesse vivido alguns meses entre nós e recebido deste bello clima a saude que perdera nas bodegas e lupanares da sua terra, julgava-se voltando a esta com incontestavel direito ou rigoroso dever de escrever,—por ventura sob as influencias athmosphericas do *gin's palace*,—uma extensa verrina contra os nossos costumes fradescos, contra o nosso fa-

natismo inquisitorial e emfim contra a nossa descommunal ignorancia, indolencia, covardia e mais partes que em nós concorriam para passarmos aos olhos da Europa e delle escriptor imparcial e fidellissimo por um povo de barbáros.

Muitas vezes acontecia que o illustre author de tão *deliciosas* patranhas, nunca estivera em Portugal e nem mesmo sabia talvez se Portugal era alguma ilha da Polynesia ou um reino europeu.

Isso porem pouco importava, que não faltavam livros que decedissem satisfatoriamente a questão. A obra escrevia-se, publicava-se, corria e o author fasia a sua reputação litteraria.

Isso é uma verdade.

Fomos e somos talvez ainda o povo mais calumniado, mais atrozmente vilipendíado da Europa.

Não ha nada mais repugnante, mais repulsivo, mais miseravel do que essa crusada que contra nós empreendeu a escoria da imprensa estrangeira.

Hoje que ella parece ter esgotado em nós o diccionario das injurias torpes, dos doestos villões, é que da imprensa castelhana sahe novo grito d'alarme.

Os homens das margens do Masanares tambem quiseram vir a seu turno enlamear-nos as portas e apedrejar-nos as vidraças.

Continuem que o divertimento ha de chamar as turbas e será maior a retoiça.

Pesa-nos disel-o..

Muitas são as injurias e calumnias que contra nós se tem escripto e liberrimamente publicado no vesinha reino.

Muitas e mui repugnantes para que tentemos enumeral-as aqui.

Que somos um povo de barbaros, de covardes e de escravos de Inglaterra, disem-no ahi quantos miseraveis atirou o fanatismo nacional para a arena da imprensa.

Houve até um desses guerreadores de pedra e lodo que sahiu á frente de seus dignos camaradas para lhes dizer com modos de profundo critico que o povo portuguez não era e nunca fora uma nação.

O mesmo, ou outro, depois de aturada meditação e grandes investigações veio a concluir que o povo portuguez não tinha historia, que Gama, Albuquerque ou Pacheco, não passavam de aventureiros andases.

Provavelmente Affonso I, D. João de *boa*

memoria, D. Manuel, Nuno Alvares Pereira e tantos outros, não passaram de... *cavalleiros andantes*.

O que seriam na opinião deste sabio, Pisarro e Cortez?...

Paremos aqui, com uma phrase do nosso grande mestre Alexandre Herculano: «Ha cousas que nenhuma equanimidade basta para «dellas fallar sem indignação ou sem riso. E' «necessario escolher e eu prefiro o ultimo «quando se tracta de embustes e miserias que «já não fazem mal»

—Para quem nos cençurar a violencia do correctivo temos por resposta os escriptos ibericos que entre 1860 e 1862 sahiram á luz.

Hoje a discussão corre ahi em tom de amizade e oxalá que não volte de novo aos charcos onde já andou a espadanar-se.

VIII

A questão iberica parece ter assumido nova phase ou tomado nova direcção.

Appareencias, modos de illudir incantos e attrahir insignificantes e nada mais!

Inverteram-se os campos. O iberismo está agora deste lado.

Já não somos nós que precisamos ser salvos pela Hespanha, é a Hespanha que devemos salvar agora.

Salvar de que?.....

Salvar, como?...

E parece que se conta tão firmemente com a vontade dos dois povos peninsulares para a monstruosa fusão, que se tracta já de escolher-lhes monarca e dynastia. Andam nisto homens d'alem dos Pyreneus.

Proferem-se nomes que bem desejaramos não ver envoltos nestes tramas.

Affirma-se ahi publicamente que se entabolaram negociações na Italia, que se fiserão propostas a um alto personagem de Portugal, e regeitadas nobremente estas, se tracta de bater a melhor porta.

Falha-se até numa revolução grandiosa d'onde sahirá forte e robusto o imperio iberico, como a Vênus da espuma das ondas.

Todos se lembrão ainda do que em Hespanha escreveram alguns periodicos por occasião do consorcio do nosso monarcha com a sympatica filha de Victor Manoel.

Foi então que a questão iberica nos começou a apparecer com estas estranhas vestes ou antes com esta nova mascara.

Acreditamos na possiblidade de mysteriosas negociações entre especuladores politicos, não entre governos leaes, das propostas extempora-

neas que se disem feitas a um personagem que entre nós vive e por elle devidamente regeitadas, posto que lhe não ligamos importancia alguma no estado actual das cousas, cremos na perturbação da ordem publica promovida por individuos arrastados por interesses vis, mas custa-nos vermos lançar a nodoa de *ibericos* na bandeira gloriosa d'uma fracção do grande partido progressista espanhol.

Sintimol-o do fundo d'alma,—repetimos—e difficilmente acreditaremos que aquelle grupo d'homens livres e illustrados, tenha, á custa das suas doutrinas nobres, de suas tradições honradas, substituido em suas bandeiras a divisa *independencia dos povos, liberdade do mundo.* pela de Fusão iberica isto é abolição da vida nacional e da liberdade politica, absorpção!

Mas temos fé que este boato,—porque não é por ora outra cousa,—não passará d'uma calumnia aventada por inimigos politicos.

Os ibericos estão em todos os compos, por que em todos os campos, e partidos ha ambiciosos, e renegados e incantos e illudidos.

Acima porem de negociações etramas mysteriosos está a vontade dos povos. Escolham monarcha e dynastia que não terão sceptro para

lhes darem. Não é tão facil crear um throno para uma dynastia como dar uma dynastia a um throno.

Venha a preposito neste capitulo lançar-mos os olhos para o estado politico da Hespanha. Não o faremos porem, que não queremos invadir terrenos deffesas ou saltar basreiras que voluntariamente nos imposemos.

A nossa opinião é esta.

A fusão iberica, se momentaneamente a considerarmos como um facto ordinario seria um acontecimento prejudicial para os dois povos peninsulares aquem roubava a vida nacional, para os lançar n'um estreito ambiente de rivalidades, de ambições e de vexames mutuos, tornando-os, *joguete* da politica cesariana d'um homem. d'uma familia ou d'um povo, que soubesse ou quisesse especular com isso.

Enão nos venham á mão, com o poderio, com a grandesa militar. Nada disso faz a prosperidade das nações, e os ibericos que pregam a paz universal não devem argumentar com essas.

Bem poderosa é a Russia.—materialmente poderosa, bem entendido,—e perguntem á Suissa, á Belgica, se lhe ambicionão a prosperidade.

Povos distinctos e independentes, verdadeiras nações como os dous povos peninsulares são,—nenhuns fortes laços os ligarião que podessem resistir ás tempestades que rebentam a cada instante na vida dos povos. Se lhes faltavam os da nacionalidade e os da historia e tantos outros!...

Independentes e irmãos não podem haver entre elles rivalidades, porque não ha a disputar supremacia, ou predominio.

Haverá sim a emulação,—santa e nobre emulação!—no caminhar em a estrada do progresso, o auxilio fraternal, o respeito mutuo á dignidade de cada um.

Irmão e irmãos muito unidos, tão unidos quanto o premittir a independencia politica de cada qual, queremos nós que sejão não só os dois povos em questão, mas todos os povos da terra.

Cada um tem sua casa e patrimonio, governe-se por isso a si proprio.

Se a casa está arruinada se o patrimonio é escasso, não vá por isso pedir cadeas que lhe arroxeem os pulsos, ou latego que lhe fustigue as faces e lhe insulte as cãas, com o fito n'um bocado de vestuario mais rico, ou n'uns tectos mais abafados.

Viver escravo, não é viver. Coragem e trabalho, e a casa tornar-se-ha mais confortavel e o patrimonio tornar-se-ha mais rendoso.

Reunidos os dous povos da Peninsula luso-hispanica, a somma dos recursos d'ambos conpor-se-hia evidentemente das parcellas com que cada um contribuisse.

Ora ou uma dessas parcellas era demasiado escassa para a manutenção daquelle que com esse contribuilla, e nesse caso tal povo morrera politicamente porque lhe faltara a vitalidade nacional, e passaria a ser dominio d'um estranho que com elle podesse repartir do que lhe sobejava em casa,—ou ambas as parcellas são diminutas e por isso tão mal sustentaria a somma dellas os dous povos como cada uma o seu. —Ou os dous povos pensulares teem elementos de vida ou não teem.

No primeiro caso a fusão era absurda, porque era o sucidio das duas nacionalidades,— no segundo era desnecessaria, inutil, disparatada porque seria querer dar a vida a dois cadaveres, ligando-os um ao outro.

E se a um dos dous povos escacea o principio da vida nacional, esse povo tem fatalmente que deixar de existir como nação, passando a ser dominio d'um estranho.

IX

Cumpre porem fazer uma declaração,—que não nos lembra se explictiamente fisemos já mas que implicitamente se acha no que temos dito.

Toda a nossa argumentação sempre que procuremos analysar e avaliar os pros e contras da famosa fusão, assenta na hypothese della ser possivel. Se o fosse era um mal, disemos nós,—se o fosse não era a fusão de dois povos, era a fusão d'um no outro, a morte politica daquelle, a absorpção.

A questão redusia-se em ultima analyse a saber se Portugal, passando de povo livre e independente que é a ser uma provincia de Hespanha,—consequencia fatal da fusão—abdicando a sua historia e o seu futuro, para ir tomar um logar humilde ao lado das provincias vascongadas ou da Gallisa, ganharia em prosperidade e riquesa o que perdia em independencia, em liberdade, em civilisação e em importancia politica, se o povo portuguez ganhava novos e mais vigorosos elementos de felicidade interior se as vantagens moraes e materiaes adqueridas por esta transformação de senhor em... dependente, excederiam as que lhe proviessem da conservação da sua individualidade.

Esta-nos a *maliciosa* da consciencia segredando que collocar a questão nestes termos é resolvel-a, e não muito a contento dos pobres humanitarios do iberismo.

Tenham paciencia. Nem sempre lhes podem soprar prosperos os ventos.

Não se tracta porem somente de dois povos, tracta-se de duas nações.

Falha aqui a hypothese. Em these a fusão de nações é impossivel. As nacionalidades não

se fundem, algemam-se não se amalgamam escravisam-se. E não havendo algemas nem por isso ha fusão. Pode haver suicidio.

Dil-o a logica dos factos consummados, dil-o o raciocinio.

Muitas são as diffinições que se tem dado á palavra *nação*, muitissimas as applicações erradas que della se tem feito.

A idea de nacionalidade é complexa de muitos elementos distinctos,—e distincta por muitos caracteristicos exclusivos.

Nem toda a agglomeração de individuos que vivem debaixo das mesmas leis, ou que pertencem a uma mesma raça, ou que habitão um certo terretorio constitue uma nação. Nem todo o estado ou povo o é.

Grandes, e ricos e poderosos estados foram Genova e o Venesa, gloriosas coroas conquistaram no campo da batalha ou em acommetimentos audáses, e nem por isso a coroa da nacionalidade veio pousar no throno dos doges ou cingir a fronte da bella mãe dos Dorias e Colombo.

A historia registrou-lhes os nomes como grandes republicas, não como grandes nações.

Ligitímas e robustas nacionalidades forma-

ram os polacos e hungaros, mas as baionetas estrangeiras riscaram-lhes os nomes do mappa dos povos independentes para inscrevel-os com sangue na lista dos dominios do csar e da casa de Hapsbourg.

Nações nem aquellas republicas o foram, nem estes povos o são.

Estes,—teem é verdade, todos os elementos que constituem as nacionalidades,—ou que formam uma nação. Para sel-o porém falta-lhes hoje o que tinham inda hontem: independencia, individualidade politica... vida nacional. Individualidade politica tinham-na aquelles, tinham-na Venesa ou Genova e outros estados italianos,—faltavam-lhes porém todos os elementos para que cada um de per si podesse constituir uma nacionalidade.

E não os tem hoje, e não os terão nunca. Na Italia houve, ha pode haver para o futuro muitos estados, muitos povos politicamente independentes ou subjeitos a dominio estranho, —o que na Italia não ha, nem pode haver é mais que uma nação.

Ali é uma só a lingua, uma só a litteratura, os mesmos lineamentos e tendencias geraes. Ali só ha nma historia possivel, logica, exa-

cta, completa; é a historia de Italia. Dante não é um poeta florentino, nem Ariosto uma gloria esclusiva do pequeno exducado de Modena. São Italianos.

Uma mesma lingua é a fallada em Napoles, em Milão, na Toscana ou na Calabria. A lingua italiana. Ha sim, profundas differenças dialecticas nem podera deixar de havel-as em paiz tão extenso, que tantas e tam longas dominações extrangeiras tem soffrido, e que por tão diversas phases politicas tem passado.

Escusado é ir mais longe. Dice já alguem, a nação romana ou a nação piemontesa?

Não. Ali só ha a nação Italiana. Não nos atirem pois os ibericos assim á laya de licção ou exemplo, com a fusão dos povos Italianos.

Podemos não querer seguir o segundo ou não poder approveitar a primeira.

Lição ou exemplo voltam-se contra as doutrinas ibericas.

Por isso que os povos Italianos se fundem para formar uma nação é que as nações da peninsula lusohispanica não devem almagamarem-se para formar um povo. São nações, continuem a sel-o.

Era o inverso, bem veem. Se aquillo lá é

progresso, andavamos nós para traz, se o não é ninguem nos pode affiançar que o nosso proceder o seria.

E que o fosse era salto muito arriscado, o de nos atirar-mos assim para a frente das outras nações ja mais adiantadas que nós. Querem a fusão universal? Quem váe adiante chega primeiro mas quem váe mais atraz tambem lá chegará. Soceguem pois, e esperem.

Não nos atropellemos.

Fallámos da Italia ou dos estados Italianos.

Na Polonia dá-se o caso contrario.

A Polonia era uma nação antiga e robusta.

O seu nome gravara-o as espadas de seus bravos guerreiros e as pennas de seus sabios nos fastos da civilisação antiga e da civilisação moderna.

Tinha incontestavel direito á sua independencia, á sua existencia politica.

A Polonia luctou, combateu, verteu muito sangue; lucta ainda, com sangue procura hoje amollecer as duras cadeas que a algemam. Lucta gloriosa, muito gloriosa e santo é essa d'um povo que não perdeu na escravidão os nobres instinteos de seus ovós!

Nem os gellos da Siberia lhe apagaram o sagrado facho do patriotismo, nem o latego dos selvagens do Don e do Vouga lhe aballaram a fé no futuro.

Vergonha! A Europa civilisada tem assistido de braços crusados a este suplicio infamante, atroz e barbaro d'uma sua irmã indefesa e fraca.

Não é porém preciso ser dotado d'um grande tacto politico para dizer que a Polonia terá como nós o seu 1640.

Surgirá do tumulo exangue e ensanguentada, mas surgirá que assim é preciso.

C'est la loi.

Eis o que dizia Carlos Perreymond.

« Le bien être interieur, n'est possible ni en France, ni en Angleterre, ni ailleurs, tant q'un seul peuple en Europe courbera sous le joug êtranger »

Voltemos porém ao nosso assumpto.

Formará a independencia politica por si só a nacionalidade d'um povo, serão uma e a mesma cousa, confundir-se-ham?

Certissimamente que não, já o dicemos.

Provanos a logica dos factos,—que se não é a melhor é a mais decisiva,—que a inde-

pendencia politica não é a nacionalidade em si mesma.

É o seu complemento.

Dicemos atraz que a idea de nação era complexa de elementos distinctos, distincta por caracteristicos exclusivos.

Quaes são porém esses elementos?

Que caracteristicos são esses?

Fora longo e difficil enumerar uns e indicar perfeitamente os outros.

Onde porem encontrarmos de par com a independencia politica, um cunho peculiar nas tendencias geraes d'um povo, sentimento nacional, independencia de lingua, de historia, de litteratura, de civilisação, no ponto em que a civilisação, a litteratura, a historia e a lingua d'um povo se podem dizer independentes, onde encontrarmos tudo isso, podemos afoutamente dizer que ali existe uma nacionalidade, que tal povo é uma nação.

E é o que podemos dizer da Italia, o que diriamos da Polonia, o que diremos de nós.

Admitindo pois que seja a nacionalidade quem exige a unificação italiana, reconhecendo na Polonia o direito supremo e innalienavel de viver vida independente e livre como nação que

foi e que deve ser,—ahi teem os ibericos o mesmo raciocinio a reprovar como contraproducente, absurda, anachronica a fusão iberica.

Não nos estejam pois a cançar os ouvidos com o famoso argumento (sic...) da unificação italiana.

A arma quebra-se-lhes nas mãos, bem veem.

Na Italia em ultima analyse não ha fusão de nações, ha unificação politica de povos.

Na questão da utilidade ou inconveniencia, não entraremos nós.

XI

«A providencia dizem os santos pregadores do iberismo, a propria providencia parece ter determinado em seus altos designos esta mesma fusão iberica, separando a Peninsula do resto da Europa pelos Pyreneos, e do resto do mundo pelo Oceano.»

«A peninsula foi talhada pela mão de Deus para ser, formar ou constituir um só povo, um só estado, uma só nação.»

Gostam de gracejar estes bons humanitarios.

Gracejemos pois com elles.

Pena é que não tenhamos egual *espirito*.

Primeiramente hão-de premittir os sabios pregadores que sem perdermos nada da nossa fé religiosa, duvidemos que Deus quando creou este planeta que todos habitamos pensasse em dividir a terra em tantas nações quantos pedacinhos elle separou uns dos outros por naturaes limites, ou que em sua alta sabedoria formasse o iberico plano que ahi anda estampado em curiosissimos pampheletos.

Depois, com tão arrojada hypothese os ibericos matam o seu pensamento grandioso de federação ou unidade europea, de fusão iberica, e renegam muito descaradamente da historia do seu paiz.

Se Deus dividiu o mundo pelas nações que o deviam habitar por certo que não quer a fusão d'essas nações. Isto é logico.

Se marcou com limites naturaes o terretorio de cada povo, os nobres guerreiros da Hespanha saltando essas barreiras para irem conquistar e subjugar nas outras partes do mundo povos e nações que habitavam os terretorios que Deus lhes marcára, os nobres guerreiros, dizemos, infringiram, quebrantaram, despresaram deno-

damente as leis... divinas, revoltaram-se contra a vontade... do Omnipotente e:

—*Oh! que não sei de nojo como o conte*—

Venceram!

Inda mais.

Cumpre á Hespanha, desorganisar-se, dissolver-se, ramificar-se, dividir-se em tantas naçõesinhas quantos os valles, ou outeiros, as planices e as ilhas que o mar, os montes ou os rios separam, e isolam porque esses são os marcos com que Deus, o feitor dos mundos, o senhor dos *povos* dividiu o orbe terraqueo!

Mas se a Providencia quer que a peninsula Juso-hispanica seja habitada por uma nação, não teremos nós egual direito para dizer que Deus quer que sejamos uma nação, um povo,—social e politicamente independente,—porque nos fez nação, porque tem incessessantemente protegido a independencia de Portugal, porque premittiu que elle, fraco e pequeno, resistisse á Hespanha quando ella tentava absorvel-o, subjugal-o, e que sacudisse o jugo a unica vez que por traições infames conseguiram imporlh'o?

Qureis nos dar a gloria de ter existido como nação, não só contra a vossa vontade e a de

muitos villões ambiciosos, mas contra a propria vontade do Omnipotente?!

É muito pesada a gloria para que possamos com ella. Guardae-e antes.

Pois as divisões naturaes, pois os montes, os rios, os mares podiam nunca ser requesitos necessarios para as divisões politicas.

E a nacionalidade, e a historia, e as linguas, e a litteratura, e a civilisação, de nada valem?

Hoje que o vapor, e a electricidade, e o progresso em fim, se encarregaram de annular essas barreiras brutas que separam povos irmãos declarando guerra implacavel—permitta-senos a expressão,—ás distancias, ás montanhas, aos rios, e aos mares, é que homens que se dizem amantes e apostolos da civilisação veem ahi apregoar que não as divisões politicas mas as divisões naturaes, não os tractados, o direito das gentes, a historia, a lingua, a nacionalidade, a vontade dos povos emfim, mas as penedias brutas, as ondas do mar, o isolamento da posição geographica d'uma região é que devem regular a independencia dos povos, a vida das nações.

Concluiremos com as palavras do sr Pereira da Cunha.

« Elle, o Caia, o Guadiana, o Minho, o mesmo Douro, não são para comparar-se com o Amasonas, isso é certo; nem a serra de Meras ou alguns outros cabeços que nos bordam as raias, aspiram a nivellar-se com o de Dewalagiri: »

« Quando porem, Portugal não estivesse orlado em roda a sua circunferencia, desde Castro Marino até Caminha, senão por uma fronteira *seca e chata* d'onde não sobre-sahisse um unico outeiro, onde não serpejasse um só regato, dividil-o-hia da Hespanha um golphão ineshaurivel, era o das lagrimas e o do sangue das victimas que por sesenta annos se estorceram nos tratos do captiveiro, em quanto que os Luculos do iberismo se banqueteavam á custa d'ellas, escudal o-hia uma muralha insuperavel,—era a das ossadas, que embraqueceram no chão dos combates e cuja apparencia horrisaria, como a torre de Lotaphagos em que Cara Mustapha vinculou tetricamente o seu rancor a Castella. »

XII

Exultam agora os bons dos humanitarios peninsulares.

«Fallaes tanto em civilisação,»—dirão elles,—apregoaes ahi constantemente o progresso, e appellaes para as tradicções sangrentas, vindes á praça com um pedaço da tunica inconsutil do Christo por bandeira, acirrar odios e pregar vinganças. Sois illogicos porque sois rancorosos.»

Enganham-se mais uma vez.

Como chamaria o Christo ao filho que fugisse da casa paterna, para ir beijar a mão ensopada no sangue que lhe dera o ser e o nome,—nobre ser e honrado nome—?

Mas não acirramos odios, não.

Não soltamos um grito de guerra e vingança entre duas nações que devem viver amigas como todas as mais.

Rememoramos passadas eras que fora de renegado e prescito esquecel-as.

Folheamos a historia.

Não appellamos para a espada, não nos fascina, como aos ibericos o brilho do aço mortifero.

Entre a farda e a blusa, optamos por esta. Á mão ensopada no sangue, preferimos a mão calejada pelo trabalho.

Vós sim, é que acirraes odios, é que pregaes vinganças, proclamando e pregando a morte da nossa nacionalidade, a obsorpção della pela vossa, que é o que seria—sabeis-lh'o bem,—a famosa fusão.

Não nos falleis em progresso, não profaneis o nome do Mestre, apostolisando o poderio e grandeza militar symbolisada na espada de Alexandre ou nos exercitos d'Atilla.

Não polluaes as doutrinas puras com o bafo da vossa hypocrisia grotesca.

Em vossas filleiras de traidores, encontrar-se-hão alguns homens sinceros e leaes; pobres sonhadores para quem o corsel de Cesar symbolisa o progresso, e o imperio do filho de Fillippe é a expressão mais rigorosa da prosperidade moral e material d'uma nação.

A esses,—lá está Alexandre Herculano, a responder.

Para esses, a compaixão que merecem os cegos ou os loucos!

Contra a dourada pilula, acreditem os charlatães ibericos,—ha um argumento supremo, —é não a querer-mos tomar.

Estivemos a morte como se diz vulgarmente, quando nos impingiram uma egual, e mais, bem assucarada vinha ella, e bem acompanhada de protestos de salvação. Agora que estamos mais velhos e debilitados matavanos com certeza. É remedio demasiado violento para a nossa idade e constituição, acreditem.

XIII

Não queremos a fusão, porque nada ganhavamos com ella e em compensação... fraca compensação na verdade! perdiamos tudo.

Tudo, entendam-nos bem, tudo até a esperança da nossa rehabilitação para qual é evidentemente indispensavel a nossa independencia.

Como podia reabilitar-se a nossa individualidade politica, se ella deixava de existir?

Qual poderá ser a nossa reabilitação, a nossa regeneração, se querem?

«Fosteis nação poderosa, rica, feliz,—dizem os D. Quixotes do iberismo,—porque enviates exercitos e armadas a plantar em longicuas terras entre povos ferissimos a vossa bandeira,—porque os vossos galões alterosos vos trasiam ao escaço berço,—ouro com que vos corromperdes e ferro com que forjardes grilhões para os povos d'alem mar.»

Poderosos, ricos, e felises foram nossos antepassados,— diremos nós,—porque lhes batiam sob os arneses,—corações destemidos e crentes, porque lhes andava bem entranhada n'alma a santa religião da patria, porque a fé religiosa d'aquelles tempos lhes era incentivo e balsamo,—porque iam não em poderosas armadas, nem com portentosos exercitos, mas, uns punhados de bravos, uns magotes de bons e leaes portugueses,— plantar as quinas, que lhes lembravam a um tempo, o Christo e a patria, em plagas longicuas e não conhecidas até então, entre povos poderosissimos, entre indomaveis hordas, entre exercitos numerosos e valentes. Descobrimos a metade do mundo a outra metade, nossas caravellas, frageis lenhos que podiam servir hoje, de escaleres a qualquer náu couraçada, sulcavam os mares em todas as

direcções e singravam em todos os portos, nossos galeões fasiam gemer as vagas sob o peso da canella de Ceylão, das sedas e cachemiras e coraes da India, das preciosidades da Persia, do chá e drogas da China, da café e assucar da America, do marfim da Africa.

E em troca, quereis saber,—senhores humanitarios, o que davamos a esses povos d'alem mar para quem diseis que forjavamos grilhões?

Davamos-lhes uns tristes franciscanos, uns velhos livros, umas pobres escholas, davamos-lhe... a *luz*.

Para proteger estes tristes franciscanos, esses velhos livros, essas pobres escholas, davamos-lhes os nossas quinas, um punhado de bravos, e o nosso exemplo.

Os Pizarros e os Cortés eram mais generosos, convinde.

Em troca do ouro dos Incas,—davam-lhes os horrores d'uma fogueira ou d'um potro. Diversos systemas de *livre* troca!

Os nossos monarchas quando não eram Manoeis eram Affonsos. Um tivemos que se chamou João de *boa memoria*, de quem boa e honrada memoria nos resta ainda. Quereis sa-

ber onde jaz? N'uma aldeola insignificante ahi perdida nas varseas floridas da nossa Estremadura... em Aljubarrota. É um nome pouco harmonioso, fere-vos os ouvidos,—resignai-vos mais uma vez. Temos gostos excentricos,—gostamos d'elle. E já que sabeis como fomos poderosos e ricos e felises, quereis saber como decahimos? Decahimos porque tambem tivemos maus monarchas e maus ministros, porque as riquesas nos começaram a adormecer, que não a apagar nos corações, o patriotismo que nos fizera timidos e respeitados.

Cahimos depois, e tão baixo que até repugna disel-o—porque meia dusia de villões, uns miseraveis, gaphos de ambição ruim nos venderão, novos Judas, a um traidor como elles.

Erguemonos mais tarde,—um pouco moidos e feridos da queda mas com grandes elementos de vida:

Pelo patriotismo vivemos e fomos grandes outr'ora pelo patriotismo nos podemos rehabilitar, e retomar o lugar que nos pertence, entre as potencias europeas.

Mudaram os tempos.

Não iremos já pedir tributos aos reis da Persia, nem dividiremos com a Hespanha nos

sa visinha, o dominio dos mares, como n'outras epochas.

Que o façam se podem a Russia, a França, ou Inglaterra. O que foi possivel a um povo pequeno como o nosso, não o seria hoje as tres maiores potencias da Europa, reunidas.

Os tempos da nossa gloria militar passaram e ainda bem.

Impossivel é que elles volvam, porque a humanidade não retrograda,—progride. *Le monde marche.*

Grandes foram nossos avós, mas senão podemos ser o que elles foram, devemos ser maiores, e mais felises de que elles porque não é uma palavra vã: o progresso, porque a civilisação não é uma aberração do espirito humano.

«Se não podemos ser uma nação poderosa poderemos ser uma nação rica e feliz, se não podemos enviar exercitos e armadas a conquistar terras longicuas, podemos fazer com que a nossa bandeira mercante cruse os mares em todos os rumos, levando aos mercados estrangeiros os productos da nossa industria e da fertilidade d'este torrão abençoado podemos conquistar nas santas pugnas do trabalho, coroas não manchadas com o sangue de inno-

centes victimas. Se não possuimos lá fóra fortalesas e praças que inspirem o medo aos povos, temos por todo esse mundo riquissimas e extensas possessões, para merecer-mos o respeito da mundo commercial»

De muito patriotismo, de muita presistencia e energia é que precisamos,—da parte dos governos e dos governados.

Abandonada a politica miseravel de *corrilhos*, inaugurada uma politica toda nossa, desassombrada e energica, seremos a primeira potencia secundaria como somos já a segunda potencia collonial da Europa.

A prosperidade das nações não se mede pela craveira dos grandes exercitos, dos grandes terretorios ou das grandes populações.

Comparai a Belgica com a Russia. O nosso grande e principal erro tem sido não havermos creado uma politica nossa, elevada, nobre e vigorosa em vez de nos andarmo sa enlamear nessa politica tacanha, em que o principio é uma especie de vistuario d'um homem que o deixa ou enverga comforme as *estações*, em que o partido se consubustancia n'um indeviduo, e proclama um nome por uma doutrina.

A nossa regeneração será esta.

Rehabilitar-nos-hemos para não morrermos, isto é para não passarmos a ser hespanhoes, ingleses ou emfim dominio de qualquer estranho.

Deixarmos porém de ser portugueses,—morrermos,—para nos rehabilitarmos é subtilesa que só comprehendem ou fingem compreender os casuistas ibericos.

XIV

Quando disemos que somos uma nação disemos que não somos ingleses ou italianos, franceses ou hespanhoes, disemos que somos *portugueses*. Pouco importa que habitemos a mesma peninsula,—o mesmo tracto de terra que os gallegos, audaluses ou biscahinos que tanta rasão houvera para que fossemos por isso o que elles são, do que para que elles fossem o que nós somos.

Hespanha, é simplesmente o nome do povo

independente como nós, que comnosco habita este vasto terretorio peninsular.

Para que se hade dar a este aquelle nome?

Spania lhe chamaram os romanos quando todo elle constituia uma provincia do imperio dos Cesares. Hoje porém que duas senão mais são as nacionalidades, hoje que são dous os povos independentes por quem esse terretorio está devidido, nenhuma rasão ha para que um delles dé o seu nome *nacional* ao visinho que já tem um, nenhuma rasão para que a denominação exclusivamente politica deste abrange egualmente aquelle.

Disem ahi tambem.

«Da Hespanha viestes, á Hespanha pertencestes,» como querendo indicar-nos que á Hespanha devemos voltar como filho prodigo que volve aos braços maternos. Outro obsurdo. —Com a Hespanha nascemos.

Somos irmãos e como irmãos devemos viver. Cada um tem sua casa que bem lhe custou a edificar. Guarde-a bem por isso, mas não feche a porta ás necessidades do visinho.

Sangue godo, francez, e arabe anda misturado, n'um e n'outro, mas em quantidades differentes. Dahi a divergencia de genios.

Diverso viver e educação e mestres tiveram, —dahi a independencia das linguas e da historia.

Disia-nos ha pouco nm amigo.

« Quem disser que a monarchia hespanhola, a unica a quem este nome legitimamente pertence, é menos antiga que a portuguesa não se afasta muito da verdade. Antas de Isabel e Fernando, que nação, que monarchia, que povo habitava este terretorio peninsular? Não seriam antes muitas monarchias, muitos povos, e certissimamente mais que uma nacionalidade? Era. Um contracto de casamento fundiu dous reinos, Castella e Aragão, a força das armas encarregou-se da annexação d'outros a estes. Nasceu a actual monarchia dos reis catholicos. Nasceu a moderna Hespanha. »

Mas não precisamos ir tanto alem.

Mesmo quando, renegando da historia podessemos adimittir a nossa procedencia da visinha nação, lá tinhamos Alexandre Herculano a diser-nos.

Toda a nação independente, legitimamente o é, seja qual fôr a historia da apparecimento da sua individualidade ou da sua organisação. Nem a França recusa a usurpação de Pe-

pino ou de Hugo, nem à Inglaterra a conquista de Guilherme, o normando: esstas nações *possuem sobeja luz para desvanecer taes sombras.*

Seja-nos licito antes de fecharmos este capitulo, que fechará provavelmente este opusculo, prestar um testemunho de respeito e veneração, divido aos homens do velho partido legitimista portuguez, ao qual fomos buscar um dos nomes mais sympathicos, um dos caracteres mais nobres, para ornarmos e protegermos com elle estas pobres paginas.

Corações firmemente patrioticos, refugiados na relegião do passado do que creem impiedade do presente, honrados caracteres que não transigem em suas crenças, mas que nos estem franca e lealmente as mãos na dor e no lucto, que são comnosco sempre que se tracta da santa causa da patria, teem-nos èlles sido edificante exemplo nesta questão do iberismo. É uma verdade; unidas e compactas, nunca daquellas fileiras de irmãos nossos, que portugueses somos todos, sahiu um transfuga, ou fugiu um fraco.

Tem sido entre nós, homens do progresso que o *quinto imperio*, tem encontrado adora-

dores e levitas. pobres cegos, e miseraveis traficantes.

Será para o nosso campo não entrestecido pelo inverno da saudade, não enlutado pelas saudades do proscripto, illminado pelo sol do poder, que correm todos os saltibancos de politica, todos os caracteres safados, todos os gaphos d'ambição ruim?

Felizmente um transfuga não deshonra um exercio, como um traidor não compromete uma causa.

E seja-nos licito tambem dizermos agora duas palavras como que em familia.

Temos ahi presenceado tantos dispauterios e miserias e venalidades no curso das cousas publicas, temos passado por taes crises, curtido tantos dissabores, escutado tantas promessas mentidas, visto tantas torpesas e villanias, que mais d'uma vez nos tem—a todos,—oscillado a fé no futuro da patria e nos tem salteado a descrença nos principios e nos homens; nos homens que se erguem hoje e cahem amanhã, nos principios que não cahem, que são eternos e eternamente regem a humanidade.

Isto é triste.

A descrença é má porque envenena a re-

flexão, posto se diga orgulhosamente filha della e a reflexão seria e desapaixonada, um relancear d'olhos pela historia dos povos que foram e dos povos que são, uns fracos laivos de economia das nações, fará desaparecer as duvidas e fortificará nas abaladas crenças os tibios e conbalidos.

O adormecimento do espirito nacional pode provar uma grande fraquesa, como pode provar uma grande corrupção.

Patriotismo e trabalho, pois que só elles nos podem desviar do despenhadeiro, a que muitas mãos nos querem impellir.

XVI

Quando os mestres se calam,—porque ergues a voz, pobre e obscuro aprendiz do santo sacerdocio da imprensa?

Quando os chefes, descanção sobre os destinos da patria e so veem nos horisontes do presente, annuncios de prosperidade e de paz, para que vens, bisonho soldado das filleiras patrioticas interromper-lhes a mystica comtemplação ou o meditar profundo, com um grito d'alarme?

Quando as ondas sorriem, e as auras sopram, tibias e favoraveis, quando o ceu está limpido e estivo, porque soltas, gageiro ignorante o brado de *escolho na proa*?

É que os mestres entregues aos labores do ensino, é que os chefes destrahidos pelos planos da campanha, é que os tripulautes enganados pela deleitosa bonança, podem não ver a nuvem, prenhe de electricidade, que ameaça fulminar o edificio,—a avalanche que ameaça esmagar o exercito, o pego que ameaça engolir a nau.

FIM

LIBRARY OF CONGRESS
0 021 636 620 7

PRECO RS.

Hollinger Corp.
pH 8.5

LIBRARY OF CONGRESS
0 021 636 620 7